

A PRIMEIRA TESE DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DEFENDIDA NO BRASIL

José Marques de MELO
Professor Emérito da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade
de São Paulo (ECA-USP). Titular da
Cátedra UNESCO de Comunicação na
Universidade Metodista de
São Paulo (UMESP)

RESUMO

Relato histórico sobre a primeira tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, defendida pelo Professor Luiz Beltrão, na Universidade de Brasília, em 1967, estabelecendo as bases da nova disciplina científica: Folkcomunicação. Trata-se de um episódio importante para a memória do campo comunicacional brasileiro, confirmando o protagonismo do autor da referida tese, que também fundara nossa primeira revista científica de comunicação, sendo por isso mesmo considerado o pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil.

Palavras-chave: *Folkcomunicação. Biografia. Luiz Beltrão.*

ABSTRACT

Historic report on the first Brazilian PhD Dissertation in the field of the Communication Sciences, presented by Professor Luiz Beltrão at the National University of Brasília, in 1967,

A primeira tese de doutorado em ciências da comunicação...

founding a new scientific discipline labeled as Folkcommunication. It is an historic chapter for the memory of the Brazilian communication scholarship, pointing out the pioneer trajectory of his author, who had also created the first Brazilian Journal on Communication, gaining later recognition as the Founding Father of the Communication Sciences in Brazil.

Key-words: *Folkcommuniation. Biography. Luiz Beltrão.*

Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) destaca-se no panorama intelectual brasileiro como figura paradigmática. Seu nome está imediatamente associado à Folkcomunicação, disciplina que integra o universo das Ciências da Comunicação. Se consultarmos duas obras de referência da literatura comunicacional brasileira veremos que Luiz Beltrão é sinônimo de Folkcomunicação:

BELTRÃO - Jornalista e professor de comunicação (...) o termo folkcomunicação, por ele criado, delimita a vasta área à qual dedicou grande parte de suas pesquisas. Designa o 'conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore' (RABAÇA & BARBOSA, 1987: 611)).

FOLKCOMUNICAÇÃO - Em termos gerais, pode-se dizer que folkcomunicação é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente: folkcomunicação é a comunicação pelo folclore (...) A origem do termo folkcomunicação deu-se em 1967, com a tese de doutoramento do Prof. Luiz Beltrão. (LUYTEN, 1983, 32-34).

Ao criar, em 1997, o “Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação”, atribuído anualmente às personalidades ou instituições que prestaram relevantes serviços ao nosso campo do conhecimento, a INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - pretendeu homenageá-lo como pioneiro dos estudos científicos da comunicação no Brasil.

Seu pioneirismo é multifacetado. Ele fundou o primeiro centro nacional de pesquisas acadêmicas sobre comunicação - o ICINFORM! (Instituto de Ciências da Informação) - na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife,

1963. Criou, ainda, a primeira revista científica brasileira dedicada a temas comunicacionais - *Comunicações & Problemas*, também em Recife, 1965. Tornou-se, finalmente, o primeiro Doutor em Comunicação diplomado por universidade brasileira, ao defender, na Universidade de Brasília, em 1967, a tese *Folkcomunicação - Um estudo dos Agentes e dos Meios Populares da Informação de Fatos e Expressão de Idéias*.

Essa tese doutoral representou, na sua biografia, uma espécie de odisséia: “série de complicações, peripécias ou ocorrências singulares, variadas e inesperadas” (Aurélio, 1975: 999). Tendo permanecido inédita, ela alcança o seu *happy-end* em 2001, publicada integralmente pela Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por iniciativa do Prof. Dr. Antonio Hohlfeld, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Nessa entidade universitária, seu autor colaborou como Professor-Visitante em várias ocasiões. Trata-se, portanto, de um serviço inestimável, esse que a PUC-RS presta ao campo das ciências da comunicação, possibilitando às novas gerações de pesquisadores da área o contato direto com um documento histórico.

Embora consolidados em 1967, os dados e reflexões coligidos por Luiz Beltrão para sua tese de doutorado começaram, na verdade, a germinar bem antes. Eles são contemporâneos de sua iniciação no terreno jornalístico. A temática privilegiada na tese é a mesma que ele escolheu para a primeira reportagem. Difundida no *Diário de Pernambuco*, em 18 de dezembro de 1936, essa matéria “tratava de devoções e romarias à Igreja do Monte, em Olinda, ao tempo habitada por um velho monge beneditino” (BENJAMIN, 1998: 59).

A paixão pela cultura popular, o interesse pelas classes trabalhadoras, a sensibilidade para entender o cotidiano das camadas empobrecidas da sociedade, tudo isso herdou do pai, o dentista Dr. Andrade. Inspirou-se, também, na doutrina social da igreja católica, bafejada pelos ensinamentos de Leão XIII, papa que sutilmente dialogou com as teses revolucionárias de Karl Marx. Mas também foi influenciado pelo ambiente socialista que impregnava, desde os tempos de Tobias Barreto, as lideranças forjadas na tradicional Faculdade de Direito do Recife. Ali e alhures, Beltrão travaria colóquios enriquecedores, sem necessariamente comprometer-se com os ideais marxistas propugnados por Francisco Julião, Paulo Cavalcanti, Clodomir Bezerra, Abelardo da Hora, entre outros companheiros de geração.

Por isso mesmo, ele fazia questão de deixar claro seu distanciamento em relação à luta de classes. “Às vezes me vem a idéia de que a pessoa pode

A primeira tese de doutorado em ciências da comunicação...

confundir a folkcomunicação com uma comunicação classista. Mas ela não é exatamente uma comunicação classista. (...) eu estudei alguns grupos que utilizam a folkcomunicação, isto é, meios não-formais de comunicação ligados direta ou indiretamente ao folclore. Então, eu vi que alguns desses grupos têm capacidade de integração na sociedade, apenas não concordam com essa sociedade. Os grupos a que me refiro são os culturalmente marginalizados, contestam a cultura dominante. Eles contestam, por exemplo, as crenças dominantes na sociedade e as religiões estabelecidas. O grupo erótico-pornográfico não aceita, por exemplo, a moral dominante” (BELTRÃO, 1987:5-15).

Na verdade, sua fundamentação insere-se naquela concepção sócio-psicológica e transclassista que Gilberto Freyre sagazmente denominaria “ânimo folclórico”, entronizando-a como variável essencial à compreensão do comportamento cultural dos brasileiros. Tal filiação teórica fica subentendida em vários trechos dessa obra, especialmente naqueles em que analisa o sentido contestatório inerente às peças produzidas pelos artesãos do barro ou à crítica social implícita nos folguedos populares.

Não é sem justificativa que Beltrão convidaria Gilberto Freyre para ser um dos principais conferencistas do I Curso Nacional de Ciências da Informação, promovido no período de 16 de janeiro a 4 de março de 1964, no Recife, uma das primeiras iniciativas do então recém-fundado ICINFORM.

Nesse momento, suas preocupações folkcomunicaçãois ainda não haviam ultrapassado as fronteiras da observação jornalística. Tanto assim que o programa daquele evento acadêmico incluía vários “trabalhos de campo”, entre eles “participação e assistência a (...) festas folclóricas e carnavalescas ocorridas no período de duração do Curso” (BENJAMIN, 1998:73).

Contudo, ele destaca o impacto que lhe causaria a leitura do livro de Edson Carneiro - *A dinâmica do folclore* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965), despontando no cenário nacional como uma espécie de “obra maldita”. Ela desagrade os folcloristas ortodoxos, que a consideram avançada, esquerdizante. Mas também não entusiasma os cientistas sociais, encastelados nas cátedras universitárias, que avaliam o folclore como um objeto menor, signo da alienação das classes subalternas.

Vivendo na província, alheio às querelas acadêmicas que animavam os principais centros culturais do país (Rio de Janeiro - São Paulo), Luiz Beltrão supervaloriza a contribuição daquele folclorista de vanguarda: “Edson Carneiro foi o único homem que percebeu que o folclore não era estático, o folclore não era uma coisa parada no tempo, mas uma coisa dinâmica (...). Esse livro

teve uma grande influência em mim, pois verifiquei que qualquer manifestação popular estava ligada ao povo, porque o povo não tinha meios, ele utilizava esses meios que lhe davam” (BENJAMIN, 1987:13).

Beltrão sente-se estimulado a fazer a primeira incursão investigativa fora do campo especificamente jornalístico. Seu ensaio *Iniciação à filosofia do Jornalismo* (Rio de Janeiro, Agir, 1960), bem recebido pela crítica nacional e internacional, credencia-o a vôos academicamente mais ousados.

Na primeira edição da revista *Comunicações & Problemas* (Recife, ICINFORM, 1965) publica um ensaio monográfico - “O ex-voto como veículo jornalístico” (p. 9 a 15). Etribado teoricamente em Gilberto Freyre e ancorado metodologicamente em Alceu Maynard Araújo e Luiz Sayer, formula sua embrionária teoria da folkcomunicação:

“Não é somente pelos meios ortodoxos - a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica - que, em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e políticas, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural, não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore.

Das conversas de bôca de noite, nas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de impressões provocada pelas notícias trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo ‘bicheiro’; ou, ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira, e pelos ‘martelos’ do cantador ambulante; pelos inflamados artigos do jornalista matuto ou pelas severas admoestações dos missionários; do raciocínio do homem solitário no seu trabalho na floresta, na caatinga ou na coxilha - é que surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as idéias-motrizes, capazes de em dado instante e sob certo estímulo, levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz” (1965, 9-15).

Seu manifesto folkcomunicacional encontra boa receptividade. Luiz Beltrão recebe cartas entusiásticas de dois eminentes representantes das comunidades nacionais do jornalismo e do folclore. O então secretário-geral da ABI - Associação Brasileira de Imprensa, Fernando Segismundo, acena genericamente: “O artigo - *O ex-voto como veículo jornalístico* é dos mais

A primeira tese de doutorado em ciências da comunicação...

curiosos". Entretanto, o patriarca do folclore brasileiro, Luiz da Camara Cascudo, pronuncia-se de modo mais enfático, preciso, desafiador:

"O seu artigo-de-abertura (...) é um magnífico master-plan. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. (...) Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés" (1965: 135).

Entusiasmado, ele continuou as observações a respeito de outros fenômenos da comunicação tradicional.

"Eu ainda estava impressionado com a informação puramente. Ai eu chamei isso de folkcomunicação jornalística" (1987:13).

Esse trabalho embasaria empiricamente a tese com que se inscreveu na Universidade de Brasília, em 1967, para conquistar o título de Doutor em Comunicação. O volume compõe-se de três partes. Na primeira, concisa, apresenta seus fundamentos teóricos e metodológicos, esboçando uma teoria da folkcomunicação. A segunda é constituída por dois segmentos: um documental, historicizando a comunicação brasileira, do período pré-cabralino ao domínio colonial português; outro empírico, inventariando as manifestações folkcomunicacionais do Brasil contemporâneo. A terceira contém as conclusões, a bibliografia consultada e um breve *curriculum-vitae* do pesquisador.

Qual a tese defendida por Luiz Beltrão ? Ela constitui um desdobramento da hipótese construída por Lazarsfeld e Katz - *two-setp-flow of communication* - para refutar a idéia dominante da onipotência midiática. As evidências empíricas coletadas nos Estados Unidos permitem concluir que a mídia consegue mobilizar a atenção coletiva dos usuários, mas seus efeitos são mediados por líderes de opinião que filtram as mensagens segundo os padrões consensuados nos grupos primários. No caso brasileiro, Luiz Beltrão verificou que o papel das lideranças grupais é exercido, no campo, cidades do interior ou nas periferias metropolitanas, por agentes folkcomunicacionais. Estes recodificam as mensagens midiáticas, reinterpretando-as de acordo com os valores comunitários.

A banca examinadora designada pela Universidade de Brasília para avaliar a tese compunha-se de três eminentes pesquisadores: o espanhol Juan

Beneyto, o norte-americano Hod Horton e o brasileiro Roberto Lyra Filho, que se manifestam favoravelmente à aprovação do trabalho e recomendam a concessão do título de doutor ao candidato.

Até aquele momento, a trajetória intelectual de Luiz Beltrão tinha sido um “mar de rosas”. Ao ingressar na vida universitária possuía “notório saber” no campo jornalístico, o que o eximia, segundo regras vigentes, de disputar títulos acadêmicos. Tanto assim que fora reconhecido como Catedrático pelo CIESPAL - Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina, mantido pela UNESCO em Quito, Equador, onde assumira, em 1963, a regência da cadeira de “Pedagogia del Periodismo”. Na Universidade Católica de Pernambuco já ocupava, desde 1961, a Cátedra de Técnica de Jornal e Periódico, tendo sido designado pelo Reitor Padre Aloisio Mosca de Carvalho para implantar e coordenar o Curso de Jornalismo.

Convocado, em 1965, pelo Presidente Castelo Branco, por seu Assessor de Imprensa, José Vamberto, para dirigir a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília no lastro da crise ali desencadeada no início do regime militar, Beltrão quis valorizar a proposta do idealizador daquela universidade, Darcy Ribeiro. Ele pretendia que todos os seus docentes amadurecidos se engajassem em programas de doutorado e os docentes jovens em programas de mestrado, no sentido de fortalecer a pesquisa, estimulando a produção de novos conhecimentos.

Assim, Luiz Beltrão deu o bom exemplo, inscrevendo-se no programa de Doutorado em Comunicação, obtendo, com isso, a adesão de vários outros colegas. As regras do doutorado seguiam, naquela conjuntura, o modelo europeu, caracterizado pela realização de uma pesquisa original, finalmente submetida ao julgamento de uma banca examinadora. Tratava-se de uma avaliação de mérito, sem a interveniência de fatores políticos. Contudo, a turbulência que abalou os alicerces da UnB, após o golpe militar de 1964, acabaria por radicalizar a convivência dentro do campus, politizando todas as suas atividades.

Quando o professor Beltrão se apresentou para a defesa da tese de doutorado perante banca examinadora constituída pela Reitoria, a Faculdade de Comunicação encontrava-se conflagrada, culminando com a sua demissão do cargo executivo para o qual fora convidado pela administração anterior. Após o julgamento, cada examinador emitiu seu parecer, sendo que os dois estrangeiros protocolaram imediatamente o boletim de aprovação.

O sociólogo Juan Beneyto, Catedrático da Universidade de Madrid, recomendou fosse concedida a máxima distinção ao candidato: “A juicio del

A primeira tese de doutorado em ciências da comunicação...

abajo firmante, el estudio que se dictamina muestra desde luego valor científico sobrado para aspirar a la máxima calificación que el procedimiento académico autoriza, por lo que estima que es obra merecedora de **Distinción com Honor**" (BENJAMIN, 1998:82-93).

Por sua vez, o diplomata Hod Horton, Catedrático da Universidade de Denver, Colorado, EUA, emitiu o seguinte ponto de vista: "Obra de alta categoria, plenamente documentada, bem dirigida, escrita com o maior apuro literário e, por sua inteireza, consagrando o autor como um pesquisador sério".

Ninguém duvidava da lisura do processo. Aprovado pela banca examinadora, o candidato fazia jus ao grau correspondente. Mas o então reitor Laerte Ramos de Carvalho, que demitira Luiz Beltrão do cargo executivo, quis prejudicar o novo doutor, dificultando a outorga do título conquistado com brilhantismo. Para tanto, convenceu o membro brasileiro da banca, integrante do corpo docente da própria universidade, no sentido de retardar a entrega do seu boletim de avaliação. A ausência desse documento foi usada como justificativa para impedir a outorga do diploma correspondente. Tudo isso, apesar do processo ter incorporado os pareceres dos dois outros examinadores, evidenciando a aprovação do candidato pela maioria dos seus membros titulares.

Estávamos em pleno Governo Costa e Silva, quando o Regime Militar endureceu, culminando com o golpe-dentro-do-golpe engendrado pelo Ato Institucional nº 5. A aparência de normalidade jurídica, perseguida inicialmente pelo governo Castelo Branco, ficaria totalmente prejudicada. Por isso, a concessão do título só se efetivaria por meio da demanda administrativa instaurada formalmente, muito tempo depois da defesa da tese.

O calvário de Luiz Beltrão não terminou aí. Sua tese repercutiu intensamente na comunidade acadêmica nacional e internacional, sendo considerada a mais original das contribuições brasileiras à teoria da comunicação. Umberto Eco, por exemplo, dedica-lhe simpático comentário no jornal *L'Espresso* de Milão (30/10/1966).

Porém, ela encontrou barreiras para a sua publicação integral. A Editora Melhoramentos mostrou-se interessada pela edição, submetendo-a ao crivo do Prof. Lourenço Filho, seu consultor para a área de humanidades. Este emite parecer favorável, argumentando sobre a inconveniência política de se publicar o capítulo teórico, naquela conjuntura repressiva. Depreende-se que ele discordava da ancoragem do autor nas premissas "subversivas" de Edson Carneiro. Temia-se represália do sistema autoritário, por se tratar de

literatura posta em quarentena pelos novos “donos do poder” (MARQUES DE MELO, 1981: 79-84).

Não restou outra alternativa a Luiz Beltrão senão aceitar a mutilação da sua obra. Ela circula sob o título *Comunicação e Folclore* (São Paulo, Melhoramentos, 1971), respaldada por uma irônica “apresentação” de Alceu Maynar Araújo, membro da Academia Paulista de Letras:

“Enquanto os ‘folcloristas’ (entre aspas) ficam participando de reuniões e conclaves para definir o que já está definido, para projetar só no papel, ou para relatar o que foi visto numa demonstração pelos ‘sábios de palanque’, vem êsse jornalista (...) com um trabalho esplêndido sobre o que há de mais moderno, que é a velha comunicação (...).

“Sou um estudioso de nosso folclore e confesso que aprendi muito com êsse ensaio. Vale a pena comunicarmo-nos com a nossa realidade folclórica através da obra de Luiz Beltrão”.

Embora censurado e impedido de fazer jus ao título de doutor, o patrono da Folkcomunicação não se intimidaria, continuando suas pesquisas. Assimilou positivamente algumas das críticas que lhe foram dirigidas, inclusive aquela sobre o reducionismo jornalístico da sua teoria. Mais tarde, ele iria reconhecer essa lacuna:

“Aconteceu que eu vi que a função da Comunicação não estava tão somente em informar ou orientar; estava também em educar; havia uma função promocional. Então eu comecei a aprofundar esses estudos e o resultado é que o conceito de folkcomunicação foi ampliado para não dar somente a idéia de que o povo utiliza a folkcomunicação para trocar notícias, mas sim para se educar. Dizer o que ele quer dizer; se promover e entreter-se também, divertir-se do mesmo modo que nós usamos o sistema estabelecido, o que chamei de comunicação social para uma diferenciação da comunicação folclórica” (1987: 13-14).

Quando publica seu novo livro sobre o tema - *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados* (São Paulo, Cortez, 1980) - não apenas resgata suas raízes teóricas, explicitando as idéias seminais em que se fundamenta, mas também formula um modelo para descrever o sistema de folkcomunicação. Isso lhe permite construir com maior segurança o conceito dessa nova disciplina.

A primeira tese de doutorado em ciências da comunicação...

“A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa” (1980: 28).

Ao falecer, em 1986, Luiz Beltrão deixou um legado intelectual fértil, instigante e provocativo. Vale a pena resgatar as palavras que escolheu para dialogar com os leitores da sua tese de doutorado, mesmo incompleta:

“Entregando ao leitor este estudo, o Autor reserva apenas, para si, a convicção de que tentou abrir uma picada para a estrada larga que outros mais autorizados e mais seguros irão percorrer no sentido de investigar os agentes e canais de folkcomunicação e, assim, penetrar no âmago das diretrizes reais que conduzem a ação política do homem brasileiro em sua complexa integridade” (1971, contra-capa).

Ao iniciar-se o novo milênio, verificamos que a Folkcomunicação, concebida como disciplina científica por Luiz Beltrão deixou de ser uma mera “picada” para se converter na “estrada larga” por ele preconizada. Quem o atesta é o seu principal discípulo e sucessor, Roberto Benjamin, que inventariou recentemente os avanços dessas investigações em todo o território nacional.

“A Folkcomunicação ensinada e pesquisada na Universidade brasileira tem dado como resultado a publicação de estudos resultantes de trabalhos de campo, de reflexões teóricas e das aplicações metodológicas próprias da pesquisa. Seus continuadores procuram expandir a conceituação e estabelecer a relação entre as manifestações da cultura popular e a comunicação de massa, incluindo em seus estudos a mediação realizada pelas manifestações populares na recepção da comunicação de massa, a apropriação da tradição popular pelos mass media e a apropriação pela cultura popular de aspectos da cultura de massa.

“Assim, os estudos de Roberto Benjamin sobre maracatu, as teses de Joseph Luyten sobre literatura de cordel, a de Edval Marinho de Araújo sobre o folguedo cavalo-marinho, a de Rute Almeida sobre almanaques são exemplos de documentação e análise de canais populares e suas mensagens; ‘Folhetos Populares intermediários no processo de comunicação’, de Roberto

Benjamin, é o primeiro estudo monográfico sobre a mediação dos canais populares no processo da comunicação de massa; 'A influência do rádio na dinâmica cultural das cantorias na Paraíba' é uma pesquisa de Luis Custódio sobre os efeitos da comunicação de massa sobre um canal popular; a dissertação de Osvaldo Meira Trigueiro, 'A TV Globo em duas comunidades rurais da Paraíba: um estudo sobre a audiência da televisão em determinados grupos sociais' é um estudo sobre a audiência da televisão em grupos de cultura folk interligados a esse mass medium; o estudo comparativo sobre a temática do Natal, promovido por José Marques de Melo, analisa o impacto da globalização e a permanência das tradições populares nas mensagens veiculadas pelos jornais brasileiros (BENJAMIN, 1998: 136)."

Benjamin reitera, finalmente, que “a divulgação da teoria foi prejudicada pela não-publicação da tese defendida na Universidade de Brasília” (1998:134). Essa deficiência deixa de existir, agora, com o lançamento do livro que contém a versão original daquela tese - *Folkcomunicação - Um estudo dos Agentes e dos Meios Populares da Informação de Fatos e Expressão de Idéias*, publicada integralmente pela Editora da PUCRS (Porto Alegre, 2001), por iniciativa do Prof. Dr. Antonio Holfeldt. Sua circulação em território nacional certamente vai aumentar o contingente dos pesquisadores dos fenômenos folkcomunicacionais. Vai fortalecer também a corrente dos jovens pesquisadores que acorrem, anualmente, não somente às conferências brasileiras de folkcomunicação, promovidas pela Cátedra UNESCO/UMESP, bem como a eventos similares organizados por sociedades científicas como a INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a LUSOCOM - Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, a FELAFACS - Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social, a ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, etc.

As novas correntes de estudiosos da folkcomunicação percorrem fluxo inverso àquele originalmente concebido por Luiz Beltrão. O fundador da disciplina privilegiou os autênticos processos folkcomunicacionais e a folkmídia, enquanto recodificadora das mensagens previamente veiculadas pelos *mass media*. Seus jovens discípulos procuram desvendar de que maneira a Folkcomunicação atua como retroalimentadora das indústrias culturais, pautando matérias jornalísticas, gerando produtos ficcionais, embasando

A primeira tese de doutorado em ciências da comunicação...

campanhas publicitárias e de relações públicas ou invadindo os espaços de entretenimento (MELO, 2000:76-77).

Trata-se de um conjunto de tendências que estão bem delineadas no último livro de Benjamin (2000) ou na edição monográfica da revista *Comunicação & Sociedade*, n. 34. Essas publicações refletem claramente o revigoramento acadêmico da Folkcomunicação e seu destaque como campo de estudos que ultrapassa as fronteiras do Brasil para alcançar todos os países lusófonos e a América Latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÃO, Luiz. *Metodos em la Enseñanza de la Tecnica del Periodismo*. Quito: Ciespal, 1963.
- BELTRÃO, Luiz. O ex-voto como veículo jornalístico, in *Comunicações & Problemas*. Recife: ICINFORM, 1965.
- BELTRÃO, Luiz. *A Imprensa Informativa*. São Paulo: Folco Masucci, 1969.
- BELTRÃO, Luiz. *Comunicação e Folclore*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.
- BELTRÃO, Luiz. A Folkcomunicação não é uma comunicação classista. *Revista Brasileira de Comunicação*, ano X, no. 57. São Paulo: Intercom, 1987.
- BELTRÃO, Luiz. *Memória de Olinda*. Recife: FIAM/Olinda, 1996.
- BENJAMIN, Roberto. *Itinerário de Luiz Beltrão*. Recife: AIP/Unicap, 1998.
- BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: contribuição de Luiz Beltrão para a Escola Latino-Americana de Comunicação. *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional no. 2*. São Bernardo do Campo: Umesp, 1998.
- BENJAMIN, Roberto. *Folkcomunicação no contexto de massa*. João Pessoa: UFP, 2000.
- CAMARA CASCUDO, Luiz da. Carta a Luiz Beltrão sobre o "ex-voto". *Comunicações & Problemas*, v.1, no. 2. Recife, ICINFORM, 1965.
- ERBOLATO, Mário. *Dicionário de Propaganda e Jornalismo*. Campinas: Papyrus, 1985.
- FREIRE, Gilberto. *Alhos & Bugalhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

- KATZ, Elihu and LAZARSELD, Paul F. *Personal Influence - the part played by people in the folw os mass communication*. New York: Free Press, 1955.
- KUNSCH, Waldemar. Prêmio Luiz Beltrão: um reconhecimento à pesquisa em comunicação, in *Comunicação e Sociedade*, no. 32. São Bernardo do Campo: Umesp, 1999.
- LUYTEN, Joseph. Folkcomunicação, in QUEIROZ E SILVA, Roberto. *Temas Básicos em Comunicação*. São Paulo: Paulinas/Intercom, 1983.
- MARQUES DE MELO, José. *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa*, Petrópolis: Vozes, 1970.
- MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação, a comunicação do povo, in *Telemânia, anestésico social*. São Paulo: Loyola, 1981.
- MARQUES DE MELO, José. *Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARQUES DE MELO, José. *Mídia e Folclore - o estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão*. Maringá: Faculdades Maringá/ Cátedra Unesco/Umesp, 2001.
- MARQUES DE MELO, José, GOBBI, Maria Cristina (org.). *Gênese do Pensamento Comunicacional Brasileiro: o protagonismo das instituições pioneiras (Ciespal, Icinform, Ininco)*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.
- RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo; Ática, 1987.
- SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. Recife: Comunicação e Editora, 1999.
- VILHENA, Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.